

NOITE SINISTRA¹

Leopoldina Pinto Pacca



[45]² Meia-noite!

As doze badaladas, extintas, soaram lugubrememente aos ouvidos de Lucia, aninhada sobre uma cadeira, ao pé da janela, com a cabeça entre os braços cruzados sobre o peitoril.

Com os olhos escuros e tristes, como a noite sem estrelas que contemplava, fitava de vez em vez o velho portão de ferro, que o marido não tardaria a empurrar, de volta da sua excursão noturna... Lucia nunca podia fechar os olhos enquanto não chegava o marido.

Algumas vezes, amanhecia no mesmo lugar, sem uma queixa, sem uma lágrima, no eterno hábito de esperar, esperar... Onde passava ele aquelas noites? O que fazia? Mistério que Lucia nunca conseguira desvendar. Inquirira muitas vezes e só obtivera respostas vagas, banais... Compreendeu que nunca lhe diria a verdade e resignou-se à grande desilusão de seu amor.

¹ PACCA, Leopoldina Pinto. Noite Sinistra. *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XXI, n. 1.012, p. 45-46, 4 fev. 1922.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

O certo é que nada lhe faltava, e se a vida se resumisse exclusivamente na mesquinha satisfação da matéria e a alma fosse considerada uma palavra vã, Lucia, como toda a humanidade, seria ditosa.

Naquela hora, recordava-se, como sempre, da oposição dos pais ao seu casamento com aquele homem, tido e havido naquela região como o maior estroina.

Disso já se convencera desde o primeiro ano de casados e já lá iam cinco! Bem lamentava sua sorte, ligada para sempre com tão forte cadeia, a um homem que não a merecia; porém, amava-o, apesar de tudo. E sentia sempre nas longas horas de espera uma tortura atroz, imaginando-o nos braços de outra, passeando a sua beleza de atleta e o seu sorriso espirituoso pelos cabarés e pelos bastidores das artistas do Imperial. Talvez... Mas uma vozinha chorosa e estremunhada saiu da alcova:

— Mamãe!

Levantou-se, fechou a janela, lançando um último olhar ao portão e acudiu pressurosa o filhinho que a clamava.

Entrou no quarto, fracamente iluminado por uma lamparina, e aproximou-se da caminha branca, velada pela cortina que dava a ilusão de uma nuvem branca, amontoada num ângulo da alcova.

A criança pôs-se em pé na cama e afastou os cachos de cabelo que lhe cobriam os olhos:

— Mamãe, papai passou agora de automóvel, não?

Lucia sorriu:

— Sonhaste, filhinho.

— Não, não sonhei, estava com os olhos abertos. Ele passou na minha frente e disse-me adeus, com a mão. Ao seu lado estava uma moça tão bonita como a fada do meu livro. Quem é essa mulher, mamãe?

— Não sei, filhinho. Estavas sonhando. Dorme novamente que o hás de saber...

A criança insistiu, fazendo beicinho.

— Oh! Mamãe, papai não volta mais! Quando ele passou, eu estendi-lhe os bracinhos, chorando, para levar-me também, mas ele disse que ia para muito longe e que de lá me mandava uma farda de soldado e uma espada.

Impressionada com a insistência do filho, Lucia tentava em vão acalmá-lo. Arrastou a caminha para o pé do seu grande leito e, sentando-se na borda deste, murmurou, beijando-lhes as mãozinhas com amor:

— Papai logo volta, filhinho. Está trabalhando para comprar a farda e a espada para quando fizeres quatro anos.

— E falta muito ainda?

— Pouquinho. Um mês só.

O menino sossegou, encostou a cabecinha ao travesseiro e foi logo cerrando os olhos.

Lucia, com o ouvido sempre atento a qualquer rumor e com o coração sobressaltado pelo estranho sonho do filho que parecia um aviso, pôs-se a contemplá-lo, com os braços apoiados à grade da caminha.

O cuco cantou mais meia hora.

Insensivelmente as pálpebras da pobre vigilante, cercadas pela sombra doce dos cílios compridos, baixaram-se e uma lágrima rolou como um diamante, indo desfazer-se na colcha que cobria a criança... Ela murmurava ternamente.

[46] — Não sou assim tão infeliz. Herdei um tão grande tesouro, que enche todo o meu ser do amor mais sublime que existe no mundo. Filho adorado!

Nisto firmou-se e olhou para a porta. Ouvira bater de manso. A serva tinha ido justamente naquele dia para o hospital. Só esperava outra no dia seguinte. Foi aos bicos dos pés até a sala e esperou que batessem segunda vez.

Bateram novamente. Não reconheceu o sinal do marido. Perguntou receosa, com a voz abafada:

— Quem é?

— Mensageiro. Trago um aviso.

— A estas horas?

— A toda hora.

— Não abro a porta. Passe o papel por baixo dela.

Tentaram, do lado de fora, introduzirem um papel no vão da porta. E a voz tornou:

— É inútil. Não passa. Voltarei então amanhã.

— Espere.

E, cheia de curiosidade e de medo, Lucia deu volta à chave.

A porta abriu-se, violentamente impelida por um corpo forte de homem, que entrou. Estava de capote e boné.

Lucia perguntou trêmula e pálida:

— Que é? O que quer?...

— Sossegue, senhora. — Respondeu o desconhecido, tirando o boné.

— Não sou um inimigo. Mandaram-me trazer-lhe este bilhete. — E entregou-lhe um envelope fechado.

Com mão trêmula, Lucia rasgou-o e fazia esforços para conseguir ler o papel enquanto o desconhecido, com o boné na mão, desabotoava o capote, talvez para deixar patente que trazia um revólver à cinta, cuja coronha reluzia de nova.

— O que?! — bradou Lucia, acabando de ler o bilhete. — Levar o Lauro?! Levar o meu filho a estas horas?!... E para onde?...

— Minha senhora, isto não é comigo; sei apenas que tenho de levá-lo ao pai, que já o espera.

— Isto é absurdo! Não acredito! Retire-se, se não quiser que chame os meus criados...

O outro sorriu ironicamente:

— Onde estão eles? Bem sabe que está só. Eu, porém, levarei a criança com cuidado. Verá. — Fechou a porta, guardou a chave no bolso e encaminhou-se para o quarto.

Lucia correu para a porta do seu santuário de amor, impedindo-lhe a entrada.

— Tenha calma, senhora, hei de levá-lo, custe o que custar.

— É impossível semelhante barbaridade — bradou a pobre mãe, torcendo as mãos, — não pode ser! Ele, o pai, que venha buscá-lo, talvez assim nos entendamos...

— Não tenho tempo a perder, avie-se, se não quer travar uma luta desigual comigo; se grita por socorro, sei o que hei de fazer!

— Miseráveis! Miseráveis! Ele o espera decerto com a amante para levá-lo para o fim do mundo, não é?... Diga-lhe que vá, que mande buscar os móveis, as joias, as roupas, mas que deixe o meu filho!

O bandido levantou o braço com um ar de impaciência; sua mão sacrílega ia desviá-la da porta, quando os olhos da mísera caíram sobre a coroa do revólver, que lhe brilhava na cinta.

Com uma rapidez que a raiva e o desespero lhe emprestaram, num belo gesto de louca, Lucia arrebatou-lhe a arma da cinta e, levantando-a no ar com um passo atrás, gargalhou sinistramente:

— Agora, sim! Mais um passo, ande, avie-se!

Por um momento, o miserável vacilou, seus olhos injetaram-se de sangue, levou por hábito a mão à cinta vazia; porém, à lembrança fugitiva da recompensa que coroaria seu ato covarde, deu um pulo de tigre para reaver a arma.

Não teve tempo. Um tiro partiu. Ele deu um passo, entrou no quarto, correu a refugiar-se no canto mais escuro, no covarde instinto de escapulir por uma janela. Lucia, porém, desfechou segunda e terceira vez a arma. Ainda o viu de pé, a cambalear, a levantar os braços, crisar as mãos em direção ao seu pescoço e, enquanto ela recuava aterrorizada, ele caía ao comprido junto ao leito.

A mísera correu para o corpo e debruçou-se, a certificar-se da sua morte. De súbito, a vítima, num arranco, agarrou-se nervosamente aos cabelos da assassina. Esta deu um grito, quis levantar-se, porém aquelas mãos sinistras a ligavam contra si, prendendo-a pelos cabelos. Julgou que a ia estrangular; mas, sentindo-o imóvel ao seu lado e ouvindo o rumor do sangue que lhe saía das feridas borrifando-lhes os sapatos e o vestido, abriu as mãos do morto, desprendendo-se com dificuldade. Ainda deixou-lhe alguns fios, que não pudera desentrelaçar. Sentiu a atmosfera da alcova abafada, como se o líquido quente que a alagava estivesse empestando o ar,

e foi à janela, que abriu e respirou com sofreguidão. Porém, seus olhares desvairados lobrigaram uma massa negra que se movia, junto à porta. Levou as mãos à frente e tentou firmar-se. Viu brilharem através da escuridão os botões dourados dos uniformes policiais. Compreendeu vagamente no meio do seu desvario que lhe ordenavam que abrisse a porta. Caminhou como uma sonâmbula até o cadáver e, revistando-lhe as algibeiras, com gestos automáticos, tirou-lhe a chave, com que abriu a porta. Uma horda de gente despejou-se pela sala, a falar, a inquirir, uma barafunda horrível. Os policiais fizeram-lhe algumas perguntas, que ela não entendeu nem respondeu. De pé, ao lado da porta, considerava-se, estupefata, num grande espelho que a refletia sinistramente com os cabelos desgrenhados e com o vestido com pintalgado de sangue.

Passou-lhe confusamente pela pobre cabeça o caso estranho do seu filho, do seu tesouro, continuar a dormir, sinal de que não sentira o ruído da luta e dos tiros, ele que a chamara para avisá-la da fuga do pai! Encaminhou-se novamente para a alcova profanada pela horda dos curiosos que a examinavam, ao mesmo tempo que ouvia distintamente de todas aquelas bocas cruéis:

— É louca! É louca!

Debruçou-se para o corpo do filhinho, que refletia no rosto um sossego de anjo; enterrou as mãos geladas pelas cobertas, num gesto de resguardá-lo dos estranhos que se aproximavam da caminha e forcejou por levantá-lo. O peso de chumbo, que a fraqueza nervosa de seus braços experimentou, fê-la retirar as mãos que já a tinham segurado e que sentiu úmidas. Sorriu, com um sorriso indescritível, tão habituada já estava àquela

umidade noturna... De súbito, a seus ouvidos atroou uma palavra horrível, fulminante, que fê-la olhar apavorada para o filho e para os seus dedos:

— Matou também o filho! Olhem para aquelas mãos! Infanticida! Infanticida!

A mísera, julgando-se presa de uma alucinação, fitava os dedos ensanguentados com olhares de louca.

Precipitou-se para o filho e, com uma força de animal ferido, arrancou-lhe as cobertas, levantou-o num braço, procurando com a outra mão livre uma ferida, um sinal que a elucidasse, que a fulminasse... Descobriu no lado esquerdo do peito um orifíciozinho, por onde o sangue escorria, caindo-lhe pelas costas, entre o braço que o apertava. Não foi preciso mais nada para compreender que, no momento em que o bandido se refugiara perto da janela, uma das balas com que cegamente o alvejara fora perder-se nas cortinas do leito. Lá estava o pedaço chamuscado de renda, marcando-lhe a entrada...

Como se o causador daquela medonha tragédia pudesse sentir-lhe ainda a vingança, a desgraçada largou a criança e precipitou-se como uma pantera para o cadáver do infame que estava no chão e, entre gritos roucos e ininteligíveis, tentou despedaçar-se a cara com as unhas. Mas, impelida para longe por pulsos vigorosos que a subjugavam, acabou por imobilizar-se numa aparência de morte.



Hoje, quem visita o Hospício de ..., não consegue ver sem chorar uma senhora moça ainda, cujos cabelos brancos a fazem ainda bela, repetir a cada momento, obstinadamente, afagando uns cachinhos imaginários com as mãos trêmulas no ar:

— Filhinho, filhinho, quando fizeres quatro anos, terás a tua farda e a espada de soldado...



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga

Preparação: Malu Schocair

Comunicação Digital: Rebeca Riga

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

